

magestade lhe havia ordenado, e depois o que se lhe devia ordenar sem ordem de vossa magestade a quem confesso, que fiquei mudo e confuso, mas não maravilhado, que estes termos se quizessem usar comigo, porque não são os primeiros — de maneira, Senhor, que me queriam em Roma carregado de gente, e que entrado n'ella me faltasse a comida, e que a fome me obrigasse a tornar-me, como era certo que houvera feito, porque até agora não houve praça no mundo que, apertada por fome, se não rendesse — vendera essa pouca praça que tenho, fora-me muito honrado, e ficava o nosso governo bem acreditado em Roma».

«Vossa magestade me mandou escrever, que aqui acharia as minhas mesadas, que não achei, e quando bem as achara, com que havia pôr casa, em Roma, um homem

tão pobre como eu, sobre quatorze annos de embaixada. De maneira, Senhor, que na mais levantada, me havia de ser necessario ir para uma estalagem, a buscar quem me desse de comer, o primeiro achava, mas o segundo não; veja vossa magestade que modo este de se negociar commigo, ou que modo de ser vossa magestade servido. Não se poude impedir esta missão, mas querem-me impedir o bom successo que n'ella espero, e por que se ainda isto não bastara, ajudam de Roma as pessoas que vossa magestade diz, que sam de confiança, escrevendo umas que o Papa me mandara embargar ao caminho, outras, que se entrasse em Roma me faziam sahir logo, e outras, que quando uma nem outra coisa succedesse, a minha estada será eterna, e a negociação nenhuma; bem aviados estamos, se de lá se der credito ao que de cá se escrever, por

que nenhuma outra coisa se tira mais que a não servir eu a vossa magestade — o vir a Roma não me poderam impedir, o lançarem-me d'ella bem sabiam que não havia de ser. Vam agora pelo caminho de quere-rem persuadir não só vagares, mas eternidades na negociação, para que vossa magestade enfadado de ante-mão, não espere vêr o fim d'ella, e persuadem-se que o poderão conseguir.»

«Senhor. Falemos claro, o Protector, e os mais dos padres da Companhia todos o eram, ou todos o queriam ser, o que tenho obrado bem se tem visto, não queriam quem testemunhasse — todo o embaixador sofriam muito mal, mas agora tem muito peor que todos, por que cuidam d'elle que o ensinaram os Hollandezes, e Francezes a se não deixar enganar, d'estes o primeiro escreve a vossa magestade positivamente que

tinha negociado os bispos, que o Papa os
 queria dar, mas não receber embaixador;
 se os queria dar como os não tem dado?
 quem o apertou nunca para isso? Senão eu
 de bocca, e por escripto? Senão é que quer
 dizer agora a vossa magestade, como tenho
 para mim que hade dizer, que vim deitar a
 longe o negocio, que elle já tinha concluido;
 os segundos não duvidando ninguem, em
 Roma, de vossa magestade haver de ter to-
 da a satisfação, só elles duvidam d'ella, mas
 com bom fundamento, qual é o de dizerem,
 que em quanto Castella quizer, nos cança-
 mos de balde — bello discurso, e bello
 juizo».

«Tenho referido a vossa magestade a ra-
 zão de minhas queixas, para remedio d'ellas
 não peço outro, que o de não dar vossa ma-
 gestade credito a auctores, que vam tanto
 contra a verdade. Se vossa magestade me

quizer crer a mim, tenha por certo, se por vossas mãos se não perder o negocio, que, mais quatro mezes menos quatro mezes, vossa magestade terá inteira satisfação, e quando a não tenha, deixe obrar a esta ruim cabeça, que, como já disse em outra, eu sahirei de Roma com tanta reputação do reino e minha, que não haverá vossa magestade ganhado pouco n'esta ultima diligencia, que fez em Roma, mas tambem digo, que ha-de ser para não tratar mais d'ella, que não é já tempo, depois de dezesseis annos de posse, para arrendar de meias a herdade, e seja vossa magestade servido, se o quizer ser bem, que o cardeal Orsino saiba, que sem embaixador não quer vossa magestada coisa d'esta Curia, que elle, por mais que lh'ó tenho advertido, não cessa de proseguir na linguagem de que sempre usou — de que é tal a piedade de vossa magestade,

que não trata mais que do espiritual do seu reino, e nada do temporal. O contentar-se vossa magestade fique á sua disposição, mas não se offereça cá por conveniencia, nem entenda ninguem que vossa magestade o quer: e com isto terá tudo, ou eu sei pouco d'este mundo. Guarde Nosso Senhor a vossa magestade com os augmentos de vida e estado, que seus vassallos desejamos, e havemos mister.»

→ Como esta correspondencia se acha inédita, achamos conveniente reproduzir aqui mais duas cartas de Francisco de Sousa Coutinho. A primeira escripta ainda a D. João IV, e a segunda, depois da morte d'este monarcha, dirigida á rainha viuva, D. Luiza de Gusmão.

«Senhor. Com esta entregará a vossa magestade o padre mestre Fr. Manuel Pacheco uma comedia em musica, que já, nos mezes

passados, escrevi a vossa magestade que se ficava copiando, não será musica que lá se haja de cantar, mas por ventura que será a primeira, que d'este genero haja ido a vossa magestade, e servirá para ter de tudo, vai mais outra que tambem tem seus assomos de comedia, mas que se canta aqui em egrejas particulares nas sextas feiras, e domingos de quaresma, os que a cantam não se vêem, mas fazem-o com tal arte, que os que ouvem a conhecem por representação; a musica d'esta me dizem que é excellente, o auctor d'ella, e da comedia é o Marco Ferracioli, musico do Papa, mas mais conhecido pelo nome de Marcos dell'Arpa. Á imitação d'esta, se a vossa magestade lhe parecesse, se poderiam lá fôrmar outras, que se cantassem na quaresma ou fóra d'ella, porque aqui é ao que mais acode gente, e tanto que os cardeaes, principes, senhores, e prela-

dos entram nas egrejas ás punhadas, e quasi não fica logar para o povo.»

«Vai com estes papeis um cadernete que me deu uma freira depois de lh'o ouvir cantar — composição que se fez para ella só cantar á rainha da Suecia. É uma moça, filha de paes portuguezes, nascida em Roma, e deixada, por morte d'elles, em idade que nem os conheceu, nem fala outra lingua senão a italiana. A voz é uma raridade, que até conhecer isto chega a minha sciencia, e fio eu se vossa magestade lhe ouvira cantar esse papel, e fazer com a bocca a trombeta, que creiu, que me houvéra de dizer, que não ouvira coisa semelhante em sua vida, que o não ponho em menos: tem demais, para eu fazer d'ella maior estimação, dar-se por seu pai, por parenta de Antonio Galvão. Estimarei muito que seja agradavel a vossa magestade o presente, para com isso poder man-

dar outros semelhantes, mas não lhe ha-de este ficar barato a vossa magestade, porque depois de o ouvir cantar, me ha-de ouvir a mim chorar minha pouca fortuna, mas celebrar no meio d'ella, que já que não preste para outra coisa, preste para moço de mandados já aqui, já acolá, e comtudo não quero, que tenha nome de queixa o que agora direi a vossa magestade, por que já se passou o tempo de as fazer — servir-me-ha comtudo de desabafar, e de me descarregar d'um escrupulo que ha muito que trago, e o deixei para tempo em que já lhe não houvesse de procurar o remedio.»

«Senhor. Vossa magestade melhor que ninguem, desde o anno de 23 em que entrei em seu serviço na Casa de Bragança, conhece, e tem conhecido o desinteresse do meu animo, assim n'aquella entrada, como na segunda em que vossa magestade me

mandou a Madrid a concluir o seu casamento, pois as mercês que tive suas devi só á sua liberalidade, e nenhuma a minhas diligencias. Depois do feliz reinado de vossa magestade, que Deus conserve, e alargue tantos annos quantos eu lhe desejo, fui á Dinamarca, fui á Suecia, fui á Hollanda, de lá a França, e de França a Roma, tudo sem custar a vossa magestade mais que o dizer-me que fosse, ou mandar-m'o por uma folha de papel. De Hollanda fiz uma petição a vossa magestade referindo só n'ella meus serviços, deixando á grandeza de vossa magestade o premio que lhes quizesse dar.»

«Mandou-me vossa magestade escrever pelo secretario, Gaspar de Faria Severim, que me declarasse, e que pedisse, por que teria vossa magestade gosto de dar informando-se a petição, fil-a mais por vossa magestade m'o mandar, que por vontade

minha ; por que pedi com certeza de que não havia de alcançar, nem a vossa magestade nem a mim era conveniente. Entre o pouco que pedia, era um dos pontos, que vossa magestade me mandasse cobrir debaixo do nome de Francisco de Sousa Coutinho, por que não tinha outra terra, nem outra villa sobre que podesse assentar o titulo. A coisa não era sem exemplo, nem tão fóra de proposito como ahi se julgou, pois não tirei d'ella mais que zombar-se de mim, tomando-se por achaque o accidente, mas a substancia foi a que peor pareceu, como que se fora uma grande monstruosidade em tempo algum pedir eu um titulo, quanto mais no presente em que vossa magestade tem dado tantos. Aos reis não se lhes ha-de dizer coisa que os obrigue a resposta, eu a não peço a vossa magestade ainda que hei-de fazer perguntas, peço, sim, licença para

as fazer, que a resposta a farei eu a vossa magestade, e a mim.»

«Creio que o primeiro conde, que vossa magestade nomeou, foi o de Odemira, tirado sua grande qualidade, e os serviços feitos á coroa de Castella, que obrigação lhe corria a vossa magestade para dar um titulo tão apressado, quando os serviços feitos a vossa magestade não pediam ainda tal satisfação? Fez vossa magestade conde ao da Ericeira, e Prado, sem outros merecimento que os dos serviços de seus dois tios feitos a el-rei catholico, e assistindo-lhe sempre n'aquella corte. Fez vossa magestade marquez ao conde de Monsanto, para o mandar embaixador a França, e o mesmo ao de Niza na segunda embaixada, passando o titulo de conde a seu filho. A Antonio Telles de Menezes por ir ao Brazil General da Armada, obrigação sua pelo officio, para que fosse, o

fez vossa magestade conde de Villa Pouca. Mathias de Albuquerque, depois de prisões e desconfianças por uma batalha, que poz o reino a tombo de um dado, e em que perdemos mais do que ganhamos na victoria, foi feito conde de Alegrete. Fernão Telles, pelo que seu irmão, Antonio Telles fez no Brazil, o veiu vossa magestade a fazer conde de Villar Maior, sendo que aquelle arriscou todo o Estado, e eu o assegurei de todo com mais perigos do que este. A D. João da Costa, por não querer ir a França sem titulo, e sem um thesoiro, e sobre tantos dades e tomares quantos teve por ir e vir das fronteiras, o fez vossa magestade conde de Soure. E ultimamente D. Antonio de Noronha de pagem da campainha amanheceu conde de Villa Verde, sem mais outro merecimento, que o da continuação e boa assistencia.»

«E houve, em Portugal, quem se espantasse de eu querer ser conde, pela mercê de Deus, com tão boa qualidade como todos os outros, e de mais com serviços de trinta e tres annos, e mais de metade d'elles fóra de minha casa. Estas desigualdades confesso a vossa magestade, que me causaram e moutro tempo grandissimo sentimento, mas em nenhum me declarei tanto como agora, e o faço, não só por que não espere que vossa magestade me satisfaça o aggravo, mas por que cheguei a tempo em que, quando vossa magestade fóra servido de o reparar, honrando-me com algum titulo, lh'o não houvera de acceitar. Sou já velho para mudar nome, e sou muito conhecido pelo meu. Bem sei que diria a vossa magestade quem isto ouvisse, o que dizia a raposa, que eram verdes as uvas, mas, pela mesma vida de vossa magestade, juro que o digo de todo meu co-

ração, e com uma vontade tão firme, que só o poder de Deus m'a poderia tirar.»

«Longe vá de queixa, eu não tenho nenhuma, mas folgo de haver dito tudo isto a vossa magestade, para que a justiça distributiva tenha logar com outros que não teve commigo, porque, senhor, a fragilidade humana é tal, que sente mais os acrescentamentos alheios, quando não sam justificados, que as mesmas faltas que padece: vossa magestade me perdoe, e me faça mercê de romper esta tanto que a ler, artos inimigos tenho, não quizera acrescentar o numero com tantos Condes.»

«Digo no principio d'esta ladainha, que sem esperar resposta de vossa magestade, eu mesmo m'a faria, remetto-a á desgraça do meu appellido, por não dizer a vossa magestade o que já disse D. Gonçalo Coutinho ao senhor rei D. Manuel, que não

continuava o paço, por que lhe não ia tão bem com o rei, como lhe ia com o duque de Beja. Foi muito valido seu quando o era, muito estimado depois que foi rei, mas os sanctos novos poderam mais que os velhos . . . »

A D. Luiza de Gusmão escrevia Francisco de Sousa Coutinho:

«Senhora. Nas duas vezes que, depois que vim, tive a honra de falar a vossa magestade, em ambas foi vossa magestade servida de me dizer, que el-rei nosso senhor me havia de fazer muitas mercês pelo bem que o havia servido.»

«Inuteis parecerão á vista d'estas palavras, se já não foram julgadas por grosseiras, todas as que eu gastar em pedir, e em mostrar a vossa magestade os motivos, que a hão de obrigar a fazer-me honra e mercê, mas como a necessidade não tem lei, até na

cortezania falta. A necessidade, senhora, é que fala, e não eu. Desculpar-me-ha vossa magestade como a um pobre que grita pelas ruas, quando bastava só o verem o pobre, para lhe acudirem com uma esmola. David, senhora, era rei, e era Deus a quem pedia, e duas coisas continha a petição; em primeiro lugar, que supplicasse a Deus ajudal-o, e em segundo que se apressasse, e pareceu á Egreja, tambem, este modo de pedir tão acertado, que em todas as horas que se repetirem para o dia, dá este principio á oração, a cujo exemplo, não extranhará vossa magestade que meus serviços invoquem seu favor, e preze a minha necessidade. D'elles e d'ella soffra vossa magestade um breve resumo, que bem que uma cousa e outra devem ser presentes a vossa magestade, sempre é satisfação, para quem dá, e para quem péde, ter ambas as cousas presentes.»

«Servi na Casa de Bragança os melhores postos d'ella, e com o acerto que vossa magestade sabe, e não me envergonho de o dizer, havendo sua magestade, que está no céo, approvado tantas vezes. Gastei em Madrid vinte e cinco mezes em effectuar o casamento de vossa magestade. Acompanhei o senhor infante D. Duarte até Barcelona, quando a primeira vez passou a Allemanha, servindo-o como qualquer dos creados inferiores. Fui a S. Lucar na occasião da morte do senhor duque de Medina, que Deus tem, pae de vossa magestade. Quando a duqueza de Mantua veiu a governar este reino, me mandou sua magestade a Badajoz, a tratar o modo das visitas. Em setembro do anno de quarenta, quando el-rei catholico chamava a sua magestade para a guerra de Barcelona, me mandou a Madrid, a desviar-lhe a jornada, como fiz; adoeci gra-

vemente, e escapei de ser colhido, pela diligencia com que voltei, quando já se começavam a sussurrar n'aquella côrte os intentos de Portugal, e cheguei a Villa Viçosa no ultimo de outubro, e emfim, como vossa magestade sabe, para tudo o que alli se offercia de ordinario e extraordinario, era eu só de quem se lançava mão. Succedeu, no mez de dezembro seguinte, a feliz acclamação de vossas magestades, servia eu então de veador, veiu sua magestade para Lisboa, e me mandou que ficasse servindo a vossa magestade. Vinte e dois dias foram sós os que vossa magestade se deteve em Villa Viçosa, e como n'elles a servi, exaggerou vossa magestade de maneira, e me honrou tanto, que muito tempo lhe durou a memoria, e creio que durará ainda hoje d'aquelle pequeno serviço. Exercitando o mesmo officio de veador, cheguei até Nossa Senhora da Ata-

laia, adonde encontrando-se vossas magestades, com affronta publica minha, larguei o officio, por trazer sua magestade provido n'elle a Pedro da Cunha, a quem nem vossa magestade nem sua magestade conheciam, sendo justiça conservarem-me n'elle, no serviço de vossa magestade, como a D. Luiz de Noronha no de estribeiro mór, que serviu em quanto viveu, junto tambem ao capitão da guarda, ficando eu sem nenhum, e como um homem que não fosse conhecido, e foi este o fim que tiveram os serviços de dezenove annos.»

«Pouco depois me nomeou sua magestade para a embaixada de Dinamarca, inventada mais para me lançarem fóra do reino, que por necessidade que houvesse d'ella. A Suecia propuz eu a sua magestade, estando já embarcado, e em Belem, o fazel-a eu ou não a fazer deixou sua magestade á

minha eleição — fil-a, e o successo d'ella foi tal, que se me não serviu para grandes acrescentamentos, motivou o ser eu escolhido para remedio ou desengano dos negocios de Hollanda, e sendo que a todos se fizeram depois honras e mercês, para as embaixadas, a mim se me tiraram, para esta, a que sua magestade me havia feito do governo da Ilha Terceira, com preeminencias não communs até áquelle tempo, nem depois continuadas.»

«N'esta embaixada gastei sete annos, foi approvada depois que passou, que em quanto assisti n'ella, não me faltaram contradicções, nem meios para me descomporem — achaque ordinario da nossa terra. Não foram pequenos os perigos que passei em todo aquelle tempo, succedendo o alevantamento do Brazil; em fim foi Deus servido, que me livrei de todos, e que poude servir a vossas ma-

gestades, e a seus reinos com tanto acerto, que posso dizer com toda a confiança, que para a recuperação do Brazil, obraram as minhas traças tanto como as armas de vossa magestade, e digo mais, que estas sem aquellas houveram aproveitado muito pouco.»

«D'alli me mandou sua magestade passar á embaixada de França, adonde, não a minha diligencia, mas a ventura obrou de maneira, que me offereceram logo aquillo, que muitos annos havíamos solicitado, com cuja resolução me obrigou el-rei christianissimo a vir a esta côrte, de d'onde condemnado, pelos medicos, a não chegar com vida a França, fui mandado tornar a ella, gastando em uma e outra vez cinco annos de assistencia.»

«D'esta embaixada foi sua magestade servido, que eu passasse á de Roma, tres annos e dois mezes gastei n'ella, ameaçado de cas-

telhanos, castigado pela mão de Deus, em minha casa, morrendo tres pessoas n'ella, na peste que abrazou aquella cidade, em que eu assisti desde o principio até ao fim d'ella, que foram quasi dois annos. Dirão a vossa magestade que foi inutil a assistencia, e baldados os grandes gastos que n'ella fiz, mas se bem se considerar, mereciam estes serviços ser avaliados, muito differentes, ainda quando se julgassem pelo successo, que é o mesmo que contra as regras da prudencia, por que justifiquei a vossa magestade, para tudo quanto fôr servida obrar nas materias de Roma, além de impedir alli muitas coisas, muito contrarias ao serviço de vossa magestade.»

«Estes, senhora, são os meus serviços, o premio d'elles até agora se reduziu á alcaidoria-mór de Santarem, que se me deu em estimação de 500~~0~~000 réis de renda, não

chega o rendimento d'ella á metade; um prestimonio da casa de Villa Real, avaliado em 300~~0~~000 réis — os annos que se arrendou por minha conta foi em 200~~0~~000 réis, mas ha dois que se não arrenda, por ficar visinho ás fronteiras, e não haver quem dê por elle um tostão; e uma commenda no bispado de Vizeu de 150~~0~~000 réis. Os serviços, senhora, são trinta e seis annos, esta a satisfação. Se a vossa magestade lhe parecer que é equivalente a elles, eu passarei pelo que vossa magestade julgar; mas se com justiça ou com piedade lhe parecer que merecem mais, sempre a grandeza de vossa magestode passará ao meu pedir. Digo só, senhora, que eu me não acho em estado de poder continuar a côrte. Casei minha filha, e larguei-lhe o mais de minha fazenda, e ainda que hoje a ajuntámos, por que vivemos juntos, é ella tão pouca, que não che-

gará a sustentar-nos os seis mezes do anno. No posto em que estive, luzi, e acreditei o serviço de vossa magestade, e a minha pessoa, não será hoje rasão, que as pessoas que n'elle me viram, me tenham por um simples comediante, que, acabada a representação, se não veja signal em mim do que fui, e menos conviria ao serviço de vossa magestade ver-se, que um homem que serviu em tantas embaixadas, ficasse depois arrimado a um canto; por que ou seria mostrar muita falta de homens, ou que ainda seria peor, faltaria justiça distributiva, mormente, senhora, que o nome que deixei, nas côrtes em que assisti, não ha-de consentir, que se attribuam a desserviços o verem-me pouco acrescentado. Para os logares de guerra, se os pretendera, ignorancia fôra a minha, mas não será soberba cuidar que se me devem os melhores no governo politico. Um só está

vago, e não seria pequena affronta minha, que havendo estado annos inteiros, se aguardasse para o prover em outrem, estar eu presente. Peço muito a vossa magestade queira considerar esta rasão, junta com a minha justiça, advertindo, que para um embaixador de Roma, não ha logar que lhe não venha estreito. Que importa tambem ao serviço de vossa magestade facilmente se deixa vêr, por que havendo-se-me feito uma affronta tão grande, como mandar-se a Roma, a um moço atrevido como Sebastião Pereira de Eça, que ajudado do cardeal Orsino tratou de me enxovalhar, fazendo crer ao Papa, que, n'esta côrte, não tinha eu voz activa, nem passiva, com que se atreveu Sua Santidade a dizer ao padre Francisco de Tavora, que me metteria em uma prisão, certo é que se lhe chegassem as novas de que vivo hoje privadamente, que ha-de continuar com as

mesmas maximas, e parecer-lhe que tudo se lhe hade soffrer, e por ventura que mude d'ellas, quando veja que o enganaram, e temo que se execute com os que de lá vim.»

«Em resolução, senhora, a necessidade em que estou, me obriga a pedir, e a grandeza de vossa magestade a esperar, certificando-se vossa magestade que me custou muito pouco o servir, servindo muito e bem, e que me custa muito o pedir, e que se hoje o faço, é por não ser obrigado a faltar em assistir a el-rei nosso senhor; mas quando a minha desgraça possa mais que meus serviços, certifique-se tambem vossa magestade, que me poderei retirar desenganado, mas não queixoso, do que empenho a minha palavra a vossa magestade, cuja real pessoa Deus guarde com os augmentos que lhe desejo.»

A evolução do poder absoluto retrogra-

dara tanto em Portugal, em virtude da restauração, que os homens de 1640 falavam assim aos soberanos. Desprendidos de todos os receios, e de todos os pavores avaliavam-se, mediam-se, e disputavam serviços e recompensas. E essas mesmas rivalidades com a nobreza de Castella, auxiliadas pela imbecilidade de Philippe IV, e pela demencia do conde duque de Olivares apressaram a revolução, e deram-lhe o triumpho.

«Depois da união de Portugal a Castella, pondera um historiador moderno, a ausencia da côrte e a necessidade de requerer as graças em Madrid, com largo sacrificio da fazenda e do decoro, roubando-lhes o serviço e assistencia do paço e os favores directos dos monarchas, começaram a despertar no animo dos fidalgos a saudade dos reis naturaes, e as memorias da independencia immolada ás promessas de Philippe II, e

ao ciúme da elevação da Casa de Bragança ao throno. Quando o conde duque, depois, rompendo com a nobreza de Portugal, a opprimiu, como opprimia a de Hespanha, esta saudade ainda vaga, avivou-se, e avultando á medida que o valido amiudava as offensas e as extorsões, converteu-se em desejo ardente de liberdade e de emancipação. Os resentimentos aguilharam as impacien-
cias, os actos do ministro exgottaram o sofrimento, e a necessidade irremissivel de escolher entre a patria e o desterro deshonoroso decidiu os mais intrepidos a proclamarem a liberdade da patria. Filippe IV, se Olivares fosse o duque de Lerma, provavelmente conservaria a coroa de Portugal.»

Bem previa Philippe II, no leito da morte, a triste descendencia a que ia entregar os seus reinos.

«O que o dia 1.º de dezembro melhor

prova, observa o illustre escriptor, Oliveira Martins, «não é a audacia dos conjurados: é a indifferença do povo, o medo da burguezia, e a inepecia do governo hespanhol. Tudo estava podre, tudo caduco. . . .»

E quando Portugal voltava com a nobreza, a uma parodia de anarchia igual á que lavrara no reino, quando os reis careciam dos braços dos grandes vassallos, para a expulsão dos moiros, e ainda para firmar a dynastia de Aviz, pelejando com castelhanos — em França, a monarchia absoluta dava ao poder real toda a grandeza da sua expansão.

«Absoluto sem replica, escreve Saint Simon, Luiz XIV apagara e absorvera até aos ultimos vestigios, até ás ultimas idéas, até á vaga lembrança de qualquer auctoridade ou de qualquer poder em França, que não emanasse d'elle só. Perante Luiz XIV, só o

nome de lei ou de direito se tornára um crime.»

Os reis exercem funcções divinas, dizia elle na sua *Instrucção ao Delphin*.

Foi tambem este orgulho real um dos elementos mais poderosos da revolução de 1789.

Quando a coroa absorve todas as forças vivas da nação, quando concentra em si todo o espirito, e toda a energia politica e social, no dia em que sossobra fica a patria juncada de ruinas, por que fóra da coroa não ha forças, nem elementos de resistencia para amparar o throno, que se reputava omnipotente.



A morte de Luiz XIV produziu no povo francez, adverte Sismondi, uma verdadeira

explosão de alegria. Deixou de existir a tyranhia que por tanto tempo o opprimiu, e viu-se surgir repentinamente uma reacção por tal forma violenta, que, como lembra Buckle, não ha nada que se lhe compare na historia moderna. A geração nova, desprenhida do despotismo que lhe não deixava exprimir por modo algum as creações do seu espirito, voltou-se, sem hesitação, para o unico paiz onde a liberdade era largamente observada — esse paiz era a Inglaterra. E esta communhão de aspirações e de interesses sociaes, nos seus immensos resultados, foi evidentemente o facto mais importante na historia do seculo dezoito.

Um povo, que ao mesmo tempo que a Europa quasi toda se curvava em face do poder real, soubera castigar os seus oppressores, conquistar os seus direitos politicos, e augmentar a sua prosperidade a ponto tal,

que fazia a admiração de todas as nações — esse povo devia chamar as atenções da França, e sobretudo dos homens que, pela sua intelligencia, se achavam á frente da mocidade, e foram, mais ou menos inconscientemente, os precursores da revolução franceza.

Nas duas gerações que viveram, no espaço que mediou entre a morte de Luiz XIV e a explosão de 1789, é difficil, diz um eminente historiador, encontrar um francez, por qualquer fórma distincto, que não tivesse visitado a Inglaterra ou não soubesse inglez. Havia-os, em grande numero, que reuniam estas duas vantagens. Citaremos Buffon, Brissot, Broussonnet, Condamine, Delisle, Élie de Beaumont, Gournay, Helvétius, Jussieu, Lalande, La Fayette, Montesquieu, Maupertuis, Mirabeau, Raynal, Roland e sua mulher, Rousseau, Ségur, Suard, Voltaire e muitos outros.

Quasi todos estes homens, notaveis por tantos titulos, estudavam a lingua ingleza, a sua litteratura, os costumes, os usos, e as leis da Inglaterra, e aprendiam, n'aquelle foco de luz, d'onde irradiava esplendorosamente a liberdade, a comprehender o decoro, a dignidade, e a energia d'um povo que sabia governar-se a si mesmo, sem carcer de tutelas. Voltaire, impellido pela sua assombrosa actividade, assimilou todos os preceitos d'essas doutrinas liberaes, e, mais tarde, foi a este aturado estudo, e á publicação dos seus escriptos, onde condensou o que aprendera e meditara, que deveu parte da sua fama, e a gloria do seu nome. «O verdadeiro rei do seculo dezoito, é Voltaire, diz Cousin, mas tambem Voltaire foi um discipulo da Inglaterra». Deveu-lhe a França a vulgarização da philosophia de Newton, que substituiu sem demora Descartes. Fez

conhecidos os trabalhos de Locke, que alcançaram immediatamente uma popularidade immensa, e serviram de base a Condillac para o seu systema metaphysico, e a Rousseau para a sua imaginosa theoria d'educação. Foi ainda Voltaire que estudou e falou de Shakespeare, embora fosse injusto na apreciação do tragico da Gran-Bretanha, cabendo nos nossos tempos a Villemain, a Victor Hugo, a Theophile Gautier, a Taine, a Paul de Saint-Victor e a muitos outros a honra de apreciarem um dos maiores genios do mundo.

Esses mesmos homens, que representaram um grande papel na revolução, obedeceram, em parte, ao poderoso impulso que receberam da influencia immensa dos seus recentes estudos. Conheciam perfeitamente o idioma inglez Carra, Dumouriez, La Fayette e Lanthenas. Camillo Desmoulins retem-

perava o seu espirito na mesma fonte, Marat viajou pela Escossia, percorreu a Inglaterra, e era tão conhecedor d'aquella lingua, que escreveu duas obras em inglez, sendo uma d'ellas: *The chains of slavery*, que foi depois vertida no seu idioma patrio.

Mirabeau era profundamente versado no estudo da Constituição ingleza, traduziu não só o livro de Watson, *History of Philip II*, mas tambem varios trechos de Milton, e por differentes vezes, nos seus discursos, serviu-se de periodos inteiros, tirados das orações parlamentares de Burke. Mounier chegou a propôr duas camaras a exemplo da Inglaterra, e esta proposta, vinda da mesma origem, foi sustentada por *Le Brun*, que se occupou assiduamente da litteratura, e do governo do povo inglez. Brissot confessa, nas suas *Memorias*, que se guiou pela legislação ingleza no seu *Tratado de Jurispru-*

dencia Criminal, finalmente, como disse Lamartine: «foi na cidade de Londres, que o duque de Orléans tomou gosto pela liberdade».

«Os francezes mais distinctos, pondéra um illustre escriptor, ouviam discutir, em Inglaterra, as questões politicas e sociaes, com uma audacia desconhecida em toda a Europa. Ouviam os dissidentes e os orthodoxos, os whigs e os tories tratarem os assumptos mais perigosos com uma liberdade sem limite. Ouviam discutir publicamente materias, que ninguem em França ousaria analysar: desvelados e brutalmente expostos em publico os mysterios religiosos, e os segredos d'Estado, a imprensa audaciosa e indepente, e o parlamente apreciando miudamente todos os actos de administração publica, e tomando á coroa contas severas, ácerca da arrecadação dos impostos, e da sua distribuição.»

*aqui nem se pagaram os
a de antaheutos*

« Nada ha mais proprio, diz Hume no seu livro: *Philosophical Works*, para causar a admiração de extranhos, do que a extrema liberdade de que gosamos n'este paiz — liberdade de communicar ao publico tudo o que queremos, e de censurar acrementemente qualquer medida, parta ella do rei ou dos seus ministros. »

Era natural, que os homens que viveram debaixo do regimen despotico, e da pesada tutela de Luiz XIV, observando a grande energia d'aquelle povo, e vendo, tambem, que a civilisação do paiz augmentava, á medida que diminuia a auctoridade das classes superiores e da coroa, ficassem surprehendidos em presença de um espectaculo, que se lhes afigurava prodigioso. D'ahi vem que Voltaire, no excesso do seu enthnsiasmo, exclamava: « A nação ingleza é a unica na terra, que alcançou regular o poder dos reis,

resistindo-lhes. E prorompia n'estas phrases: «Quanto eu adoro a altivez ingleza! — Quanto eu estremeço os homens que dizem o que pensam!» O enthusiasmo produzido pela marcha da civilisação n'aquelle paiz, era uniforme entre todos os grandes pensadores da França. «Ha uma nação no mundo,» diz Montesquieu, «que tem por fim directo da sua constituição a liberdade politica». E accrescenta o mesmo illustre escriptor: «A Inglaterra é actualmente o paiz mais livre do mundo, e não exceptuo republica nenhuma.» Diz mais: «É esta uma nação em que a republica se occulta sob a fórma monarchica.» Os homens mais considerados pensavam todos assim. «Os principes do Hanovre, observa Mably, reinam em Inglaterra, porque o povo é livre, e julga-se com o direito de dispor da coroa. Mas se os reis, á maneira dos Stuarts, buscassem

chamar a si todos os poderes, se imaginassem que a coroa lhes pertence por direito divino, condemnar-se-hiam a si mesmos, e d'ahi resultaria a propria confissão de que occupam um logar que não é seu.

Helvétius escreve: «A Inglaterra é um paiz em que o povo é respeitado, em que cada cidadão toma parte na administração dos negocios publicos, e em que qualquer homem intelligente pode esclarecer a nação ácerca dos seus verdadeiros interesses».

D'este enthusiasmo, que ia crescendo, á medida que a França examinava com mais aturado estudo a vida politica da Inglaterra — d'este enthusiasmo nasceu um antagonismo tão profundo entre as classes illustradas, e os homens que governavam a França, que, pelos acontecimentos que se foram seguindo, a revolução devia ser, e foi, a sua consequencia necessaria e rigorosa.



Mas como alcançara a Inglaterra este grandioso desenvolvimento politico, quando a Europa, quasi toda, acompanhava a marcha apressada da affirmação do regimen absoluto?

É que a evolução caminhava na Gran-Bretanha, por uma forma diversa do que o fazia nos outros paizes.

Na raça latina o poder real estreitara as suas ligações com os elementos populares, no unico intuito de debellar os grandes vasallos, e mais tarde para enfraquecer, e debilitar os privilegios da aristocracia. Com a raça anglo-saxonia tomou a evolução outra

vereda. A nobreza colligou-se com o povo no intuito de cercear as prerogativas da coroa, e d'esta alliança surgiu a Magna-Carta, arrancada violentamente a João, *Sem Terra*, pelos barões, e por todos as classes populares, e no infeliz reinado de Carlos I, obrigou o parlamento este monarcha a ratificar, da maneira mais solemne, a celebre lei conhecida com o nome de *Petição de Direitos*, e que é, na phrase de Macaulay, a segunda Magna-Carta das liberdades da Inglaterra. Por esta ratificação, obrigava-se Carlos Stuart a não levantar nunca impostos, sem o consentimento do paiz devidamente representado, a não prender ninguem sem auctorisação legal, e a não crear tribunaes extraordinarios para o julgamento de qualquer cidadão.

Bastavam estes factos, para desviarem as leis sociologicas da linha que levavam tra-

çada, nas outras monarchias europeas. Mas não para aqui a curva descripta n'esta diferente fórma de civilisação. Emquanto a França, a Italia, a Hespanha e Portugal aceitavam cegamente todas as praticas do catholicismo, sobretudo estes dois ultimos paises, fanatizados por um clero intransigente, e immersos n'uma profunda ignorancia, no meio de uma numerosa legião de ordens religiosas, de confrarias e de irmandades, a Inglaterra rompia com o papado, e entrava na lucta, dirigida por Henrique VIII. De sorte que os monarchas inglezes acharam-se na dependencia das classes populares, e o movimento religioso irrompeu ao lado do movimento politico, que ia já adeantado na phase da sua evolução.

Antes dos fins do seculo xvi careceram de grandes exercitos permanentes, tanto a França como a Hespanha, porque, no receio

de uma ameaça ou de uma conquista, eram obrigadas estas nações, nas suas rivalidades de vizinhança, a prepararem-se para todas eventualidades de uma lucta sangrenta e demorada. «As mesmas razões, diz um dos mais illustres escriptores, que originam a divisão do trabalho, nas artes pacificas, acabam por fazer da guerra uma sciencia distincta, e uma carreira especial.»

Na urgente necessidade de crear uma milicia aguerrida, e que se conserve por largos annos no exercicio das armas, é inutil e até irrisorio contar com operarios e camponezes, para os enfileirar deante de veteranos, cuja existencia tem sido como um tirocinio constante para os dias de batalha. Familiarizados com os perigos, habituados a manejarem os instrumentos de peleja, alcançam pelas marchas, pelas fadigas, e pela precisão dos movimentos a perfeição que deve ter

uma machina. Logo que uma nação se previne com um exercito, os paizes circumvisinhos, para lhe poderem resistir, teem de empregar os mesmos meios. É esta a lei da concorrência vital. Mas qualquer monarchia temperada, como as da idade média, não póde existir onde houver um exercito regular. O soberano, encontrando legiões obedientes e passivas, tem aberta a vereda, que conduz em linha recta ao regimen absoluto.

Demais, em Inglaterra, faltava a razão e mesmo o pretexto, que deram causa á organização dos esquadrões, e terços dos paizes continentaes. Protegida, pelo oceano, contra qualquer invasão estrangeira, e raras vezes empenhada nas guerras europeas, não sentia a necessidade de crear tropas regulares, e por isso atravessou os seculos XVI e XVII sem exercito permanente.

Accresce que a Inglaterra soube precaver-se, com a maior sensatez, contra qualquer cilada, que, tendo por mira o augmento das prerogativas regias, partisse da coroa. Aprendia no exemplo dos extranhos. Via nos exercitos continentaes, o elemento em que assentava a influencia sempre crescente do poder real. Mas se a espada competia aos soberanos, o dinheiro era da nação, e como os grandes corpos de exercito, disciplinados e mantidos devidamente, estão dependentes de um vasto systema de impostos regulares, visto que o patrimonio real não podia prover tão extraordinarias despesas, os parlamentos inglezes, escudados na constituição, sabiam conceder ou recusar os subsidios que os monarchas lhes exigiam, e recusal-os abertamente para a formação de corpos de exercito, emquanto lhes não concediam solidas e amplas garantias, que os pozessem

em segura defesa de qualquer acto de despotismo.

Outra causa havia, que dava, e tem sempre dado, uma situação excepcional á Inglaterra, no meio de todos os outros povos — e tão excepcional é ella, que já Philippe de Commines, o auctor das *Memorias* tão notaveis ácerca do reinado de Luiz XI, e o homem de Estado mais esclarecido do seu tempo, dizia: «que nunca vira paiz tão bem governado».

Guilherme, o *Bastardo*, duque de Normandia invadiu o territorio inglez, e com a victoria, alcançada na batalha de Hastings, a 14 de outubro de 1066, apossou-se da coroa, e conquistou todo o paiz. A lucta entre saxonios e normandos foi longa e dolorosa. Pondera Augustin Thierry, que foi preciso que um illustre romancista, Walter Scott, viesse revelar ao povo inglez, que os

seus avós do seculo undecimo não foram vencidos n'um só dia. Em parte nenhuma a inimizade das raças se elevou a proporções tão violentas ; mas foi este odio diminuindo pouco a pouco, até que totalmente se apagou e extinguiu. «Os progressos do trabalho social, escreve Macaulay, que reuniu estes elementos hostis n'um todo homogeneo são imperfeitamente conhecidos.»

Não era só esta especie de sujeição, imposta á prerogativa regia, que dava origem á superioridade da Inglaterra. A situação da nobreza e da burguezia, a fórma das suas relações e da sua vida social concorriam, com toda a energia, para unir estreitamente todos os interesses e todas as aspirações.

Apesar do seu poderio e da sua influencia hierarchica, a nobreza hereditaria era a menos exclusiva, e a menos arrogante de todas as aristocracias. Despida de todos os

preconceitos, e de todos os desprezos que manifestam as castas, recrutava-se constantemente nas classes populares, e confundia-se muitas vezes com o povo. A camara dos pares abriu sempre as suas portas a todo o cidadão, que por qualquer fórma illustrasse o seu nome, e os filhos segundos conservavam a situação de seu pae, anteriormente á elevação d'este ao pariato. «Em Inglaterra, diz Molinari, onde a situação do paiz, protegido pelo mar, tornava excusada a concentração permanente dos poderes entre as mãos de um chefe, o governo ficára oligarchico, e a sociedade dos conquistadores, representada pelos principaes d'entre si, tendo assento na camara dos lords, continuou a partilhar com o rei a direcção dos negocios, ao passo que em baixo, a camada superior das classes populares conservava o direito — que fôra extorquido aos povos nas monarchias unita-

rias do continente,— de consentir ou recusar a criação de impostos, e de approvar ou regeitar as leis que se pertendiam estabelecer.»

«A aristocracia ingleza, escreve Bluntschli, nunca se separou, como casta, do resto da nação. Prezando muito o seu alto nascimento, guardando cuidadosamente, nos seus usos e costumes, as differenças de classe e de hierarchia, e sem abrir os seus salões a qualquer individuo, todavia, não desdenha a alliança do filho d'um industrial, que soube enriquecer, e que vive com o decoro da sua posição.»

«Não se considerava, observa Macaulay, como casamento desigual o enlace da filha d'um duque, mesmo d'um duque de sangue real, com um homem distincto, ainda que não fosse fidalgo.» Respeitava-se a nobreza de sangue, mas não era apanagio da sua

classe o pariato. Havia homens, cujo nome deveram aos seus esforços, occupando os mais elevados cargos, e nobilitados pelos seus proprios serviços, ao passo que se perdiam obscuros, nas ultimas camadas da plebe, muitos descendentes dos cavalleiros, que haviam pelejado, como heroes, na batalha de Hastings ao lado de Guilherme, o *Bastardo*, ou que tinham escalado os muros de Jerusalem, batalhando pelo resgate do Santo Sepulchro. Evidentemente não existiam barreiras, que separassem, á maneira dos outros paizes, o patricio do plebeu. «Os burguezes, accrescenta o mesmo illustre historiador, não tinham nenhum interesse em escarnecer dignidades a que seus filhos podiam chegar, os nobres não se sentiam dispostos a insultos uma classe a que seus proprios filhos deviam descer.»

A camara dos communs recebia tambem,

no seu seio, fidalgos das provincias, que n'outro qualquer paiz, em convocação dos Tres Estados, teriam assento nos bancos da nobreza. Muitos d'elles eram filhos segundos, ou irmãos dos administradores de opulentas e nobilissimas casas, e que, nos seus solares, recebiam todas as honras devidas á sua elevada jerarchia — assentados ao lado de simples burguezes, enviados ao parlamento pelas cidades fabris e commerciaes, esposavam lealmente os interesses d'aquella camara, e zelavam tenazmente as suas prerogativas como o mais obscuro cidadão. «É por estas razões, observa um distincto escriptor inglez, que a nossa democracia foi sempre a mais aristocratica, e a nossa aristocracia a mais democratica do mundo.»

Os inglezes, espiritos essencialmente practicos, buscaram sempre os seus confortos, as suas liberdades, os interesses do seu paiz,

sem se preocuparam com a sorte das outras nações. Nunca pretenderam, como a França, serem os campeões dos destinos dos povos, nem os vulgarizadores dos grandes principios politicos e sociaes. E é este o caracter distinctivo da revolução franceza. Assim como usam fazer todas as religiões, pretendeu logo alcançar proselytos, e, na grandiosa expansão das suas crenças, activou com uma energia immensa a propaganda da liberdade, levantando contra si todas as velhas monarchias, e todos os regimens gastos e decrepitos.

A Inglaterra nunca procedeu d'este modo — nem quando sellou as suas liberdades com a Magna-Carta, nem quando deu a Cromwell a presidencia da republica com o nome de protector, nem, mais tarde, quando expulsou os Stuarts para dar a coroa a um principe estrangeiro. Guardou para si só to-

das as suas conquistas da liberdade, como enthesoira silenciosamente todas as riquezas que póde obter na vastidão do globo.

Por isso acceitamos, no mais complelo accordo, a opinião de Laurent. «Seria uma illusão, diz o erudito professor, considerar os inglezes como os campeões desinteressados da liberdade. Possuem, no mais elevado grau, a virtude do patriotismo, mas esta virtude tem o seu reverso.» É, porém, verdade, que o egoismo da Inglaterra concilia-se muitas vezes com a marcha da civilisação, e n'estas condições a historia reserva-lhe paginas brilhantes de gratidão, sem se preocupar com as intenções interesseiras da velha Albion. O commercio, as industrias e a navegação são as bases onde assenta o seu predomínio, verdadeiras origens da grandeza dos povos, e é facil conceber os ciumes e os receios em que se debate, para conservar

preferencias na lucta progressiva e incessante da concorrência vital.

Em todo o caso, como povo livre, era um modelo admiravel, offerecido ás anciedades, e ás aspirações do primeiro paiz da raça latina.



Mutar
A verdadeira historia da raça humana, como diz um illustre escriptor, é a historia das tendencias, que se revelam no espirito, antes de se manifestarem os acontecimentos que os sentidos apreciam. D'aqui vem, que nenhuma época historica comporta a precisão que se encontra, nos trabalhos dos antiquarios e dos linhagistas. O nascimento de um principe, um terremoto, a perda de

uma batalha são factos que os sentidos observam, e que podem ser registados com a maxima exactidão — não acontece assim com as revoluções intellectuaes, nos arrebóes d'uma evolução. Para se avaliarem os movimentos do espirito humano, é preciso contemplal-o nos seus diversos aspectos, e coordenar, depois, os resultados de todas estas indagações. Encaminhados por este preceito, vimos por isso já de tão longe, afim de chegarmos, ensinados pelos acontecimentos, ao momento da revolução franceza. Queremos mostrar que os factos succedem-se sem espontaneidade, nem saltos imprevisos. A vida das sociedades é uma cadeia de causas e effeitos successivos, em que o acontecimento de hoje estava embryonario no facto de hontem, como o successo de amanhã é a consequencia rigorosa, e necessaria do caso presente. A revolução franceza

não foi, nem podia ser um acontecimento fortuito. Surprehendeu o mundo inteiro — certamente — até surprehendeu, nos seus maravilhosos resultados, muitos d'aquelles mesmos que para ella mais contribuíram. Comtudo era apenas o complemento d'um trabalho lento e incessante, nascido de causas remotas, e que todos os dias augmentava na sua força e intensidade. A explosão foi repentina, e excessivamente violenta, mas nos materiaes que deviam produzir este deslumbramento, trabalharam, mais ou menos inconscientemente, dez gerações de homens. Se não tivesse irrompido com esta energia, nem por isso o velho edificio social ficaria de pé. A forma da destruição seria outra — talvez mais afflictiva e angustiosa na sua agonia. Ir-se-ia esphacelando pouco a pouco, e a gangrena, alastrando vagarosamente e por varios órgãos, daria apenas um especta-

culo mais hediondo e mais demorado. Assim a revolução, n'um esforço energico, acabou repentinamente, sem transição nem plano, com um estado social, que não podia existir, e que estava condemnado pela caducidade do seu proprio organismo.

O movimento, que iniciou a aurora da revolução, manifestou-se pela lucta religiosa. A rasão era facil de penetrar.

«Quando as prohibições, e os castigos sufocam a formação dos partidos politicos, escreve Bluntschli, n'uma nação vigorosa, como aconteceu, em tempos passados na Allemanha, essa nação afasta-se da vida politica, para se lançar nas discussões religiosas, ou para desenvolver, no seu proprio seio, as rivalidades e as opposições scientificas, artisticas ou litterarias.»

Este facto, observado pelo illustre professor na historia do seu paiz, repetiu-se em

*o
singu
lar o
plural
lismo*

França, e d'elle se derivaram as mesmas consequencias.

Os homens mais notaveis do seculo dezoito, em França, admirados pelo estudo que tinham feito das liberdades publicas em Inglaterra, quizeram dar á litteratura do seu paiz um impulso semelhante, lançando-se no campo das investigações, da analyse, e d'uma critica san e sevéra. A esta innovação temeraria responderam o odio e as perseguições dos governos, e não se manifestaram sómente por actos de oppressão momentaneos e isolados. Estabeleceu-se um systema de repressão continuado, cujo fim era suffocar todas as investigações sérias, e punir toda a expressão do pensamento. Todas as penas eram boas para castigar este enorme crime. Houve sequestros, prisões, exilios, suppressões de livros, e entre as victimas d'estes monstruosos excessos figuraram Beaumar-

Vide
D. Carlos
ca

chais, Berruyer, Bongeant, Buffon, d'Alembert, Diderot, Duclos, Freret, Helvétius, la Harpe, Linguet, Mably, Marmontel, Montesquieu, Mercier, Morellet, Raynal, Rousseau, Suard, Thomas e Voltaire.

As consequencias d'estas medidas absurdas, e odiosas não se fizeram esperar. «Todo o espirito d'oposição politica», diz Tocqueville, «que faziam nascer os vicios do governo, não podendo expandir-se na discussão dos negocios publicos, refugiara-se na litteratura, e os escriptores tornaram-se os verdadeiros chefes do grande partido, que tendia a derubar todas as instituições sociaes, e politicas do paiz.»

A Egreja, em França, entrára n'uma profunda decadencia no que diz respeito ao seu pessoal. Descera de Bossuet, e de Fénelon até ao celebre cardeal Dubois, ministro de Luiz XV, e mais tarde encontrava o cardeal

de Rohan, envolvido com dois aventureiros, M^{me} de La Motte-Valois, e Cagliostro, no escandaloso roubo d'um collar de brilhantes, em que figurou a infeliz rainha, mulher de Luiz XVI.

Independentemente da questão religiosa, as intelligencias da França, avidas de estudar e de saber, tinham começado por invadir todo o campo das sciencias, e não paravam nas suas investigações.

Em 1750, como affirmam Voltaire, e Blanqui, dois homens d'um grande valor intellectual, du Quesnay e du Gournay, empregando todos os seus esforços para elevar a economia politica ao estado de sciencia, acabaram por se achar em presença do abysmo que os governos iam cavando, e por onde se iam precipitando, e sumindo rapidamente todos os elementos da riqueza publica, e todas as forças vitaes da nação. Esta verdade,

affirmada com toda a eloquencia dos factos, produziu uma profunda sensação, e tão grande, que Voltaire escreveu: «No anno de 1750, a nação, saciada de versos, de tragedias, de comedias, de operas, de romances, de historias romanescas, de reflexões mais romanescas ainda, e de disputas theologicas, ácerca da graça e das conversões, poz-se em fim a discorrer sobre os trigos». Era a miseria publica que se avisinhava, e descortinava-se já, no fundo do horisonte, a convocação dos Tres Estados como unico remedio, para o extremo disequilibrio das finanças. Foi n'este periodo, que Rousseau escreveu esses livros eloquentes, que exerceram uma influencia immensa no publico, por que traduziam, n'um estylo primoroso, as aspirações da mocidade. Montesquieu, no seu famoso livro o *Espirito das Leis*, tinha levantado os mais graves problemas sociaes, e Turgot, nos seus

brilhantes discursos, em que já se desenha com o mais vivo colorido a philosophia da historia, presentiu as leis da evolução: «Todos os seculos», disse o illustre pensador, «estão encadeados por uma serie de causas e de effeitos, que ligam a epocha actual á epocha que a precedeu».

As mais brilhantes illustrações francezas, occupadas especialmente das sciencias phisicas, deram um desenvolvimento extraordinario, para o seu tempo, á chimica, á geologia, á zoologia, finalmente, a todos os ramos dos conhecimentos humanos. Abriam-se cursos, faziam-se prelecções, e todas as classes sociaes, interessadas nas descobertas do seu seculo, corriam avidamente a receber o baptismo da sciencia. Resultava d'esta concorrência o conhecimento das leis geraes, que regem o universo, e comprehendida a regularidade com que se produzem todos

os phenomenos da natureza, deprehendia-se d'ahi, que a mesma regularidade existia muito antes que o nosso pequeno planeta tomasse a sua fórma actual, e muito antes que o homem pisasse a superficie da terra.

N'esta phase da sociedade, vê-se claramente o que foi a lucta da Igreja com os encyclopedistas, e com os philosophos do seculo dezoito. Note-se que a collisão aqui não estava entre orthodoxos e dissidentes, entre catholicos e christãos. Observa Laurent, e a nosso vêr observa bem, que a França não era ultramontana, nem calvinista. «Era da religião de Montaigne, e de Rabelais, escreve o illustre professor, quer dizer — predestinada a tornar-se voltariana.»

Não era a Igreja, considerada como instituição religiosa, que a França já revolucionaria combatia. Era o obstaculo que se oppunha á revolução politica, e que se erguia

como uma formidável barreira, em presença dos escriptores que a promoviam. Apoiava-se na tradição: elles professavam o mais profundo desprezo por todas as instituições, que se baseavam no respeito do passado. Reconhecia uma auctoridade superior á intelligencia individual: elles appellavam simplesmente para a razão. Fundava-se n'uma hierarchia que ia subindo até ao representante de Deus: elles queriam pertinazmente o acabamento das castas, e tendiam á fusão de todas as classes. Demais, a Igreja, como o primeiro poder politico, tinha o primeiro logar entre os tres estados, e «era, como diz um illustre contemporaneo, o mais detestado de todos, posto que não fosse o mais oppressivo.» Envolvendo-se nas questões mundanas do poder civil, consagrava, por vezes, com a sua presença e com os seus conselhos, vicios e torpezas que ana-

thematizava nos seus templos, e na ardente ambição de monopolizar honras e grandezas, cobria com a sua inviolabilidade sagrada, os actos mais ignobes e nefandos. Encarregada especialmente de vigiar as manifestações do pensamento, e, pela censura, de mutilar ou destruir os trabalhos da intelligencia, atacar a Egreja era defender a liberdade, e concorrer para a civilisação. Os imperantes e a Egreja, quando começaram os dias de tribulações e de receios, fizeram causa commum, pacturam alliança illimitada: elles auxiliaram-a com a força material, ella apoiava-os com a sua auctoridade moral, elles obrigavam a cumprir os seus preceitos, ella fazia respeitar-lhes a vontade, e mandava obedecer cegamente aos seus caprichos.

E no meio d'esta profunda anarchia social, os escriptores occupavam o mais dis-

*Cam. a.
rude e
outro
casos ca*

*Rai,
nha
D. A.
milia
e*

tincto logar. Recebidos e festejados em toda a parte, não se cançava a atenção publica, de os admirar e applaudir. «Aqui, escreve Hume a Robertson, não me alimento senão de ambrosia, não bebo senão nectar, não respiro senão incenso, e não piso senão flôres.» Grimm, na sua *Correspondencia*, e De Ségur, nas suas *Memorias*, narram as ovações que recebeu Voltaire no seu regresso a Paris. Foi um verdadeiro triumpho. O clero ia eivado das mesmas tendencias do seculo. «Se os presbyteros que trabalham, diz Taine, e são do povo, tinham a fé do povo, os prelados que vivem na alta sociedade teem as opiniões d'essa sociedade.» Nas suas *Memorias* affirma Rivarol, que no alvorecer da revolução, o clero pensava como os philosophos. «A classe que tem menos preconceitos, diz Mercier, quem o havia de crêr? É o clero.» Lembra La Fayette nas suas *Me-*

note-se

morias, que o arcebispo de Narbonne, explicando a resistencia das mais elevadas dignidades ecclesiasticas em 1791, attribue essa opposição, não á fé, mas sim ao pundonor.

Do altar ao throno a distancia não é grande — «todavia, observa Taine, a opinião levou trinta annos a transpol-a».

Foi no meado do seculo, em 1750, como já dissemos, que se desencadearam as paixões politicas e sociaes. D'este periodo em deante os acontecimentos precipitaram-se, sem que ninguem podesse antevêr a serie de transformações porque a França ia passar. «Quanto a nós, diz um fidalgo francez, sem saudades do passado, nem receios do futuro, caminhavamos descuidados sobre um terreno juncado de flores, que nos encobriam o abysmo. . . . As instituições conservavam-se monarchicas, mas os costumes eram já republicanos. . . . Tinhamos orgulho

em ser francezes, e sobretudo francezes do seculo dezoito . . . »

Ninguem previa o desenlace d'este grande movimento politico da França. «As instituições livres, diz um grande escriptor, são tão necessarias aos principaes cidadãos, para lhes descortinarem os perigos, como aos mais infimos, para lhes affirmarem os direitos.» Ninguem esperava, ninguem suppunha, que a vereda, por onde os espiritos iam guiados, os levava directamente a uma violentissima revolução.

«Li attentamente, diz Tocqueville, os cadernos redigidos pelos Tres Estados, antes de se reunirem em 1789; digo os Tres Estados, os da nobreza e do clero, assim como o do povo. Vi que se pedia aqui a revogação d'uma lei, d'um uso acolá, e fui tomando nota de todos os capitulos. Continuei n'este empenho até ao fim com um enorme traba-

lho, e quando cheguei a ajuntar todos os diversos pedidos das differentes localidades, observei, com certo terror, que o que se reclamava era a abolição simultanea, e systematica de todas as leis, e de todos os usos estabelecidos no paiz, e vi immediatamente que se tratava d'uma das maiores, e das mais perigosas revoluções, que teem havido no mundo.»

Assim que rebentou a insurreição na America, o marquez de La Fayette comprou uma fragata, e correu a alistar-se ao lado de Washington. Alguns fidalgos lhe tomaram o exemplo.

«Ha quem tenha attribuido, escreve Tocqueville, a nossa revolução á emancipação da America. Teve effectivamente muita influencia na revolução franceza, mas deveu-a menos ao que se fez então nos Estados-Unidos, do que ao poderoso movimento da opi-

nião em França.» Em quanto que, para toda a Europa, a revolução americana apparecia como um acontecimento cheio de novidade, e peculiar á indole d'aquellas colonias, para os francezes manifestava-se como a realisação das suas tendencias, e das suas aspirações. Era o facto, já modelado, á feição das idéas que os escriptores de França tinham concebido.

E é para notar, como observa o publicista citado, que é um caso singular na historia, ser feita toda a educação politica d'um grande povo inteiramente pelos homens de letras. Foi isto que contribuiu talvez, para dar á revolução franceza uma fórma tão especial, e que determinou, na sua propaganda, a força expansiva que a caracteriza.

Em França manifestou-se um facto, que se tem repetido em outros paizes, e que explica amplamente o desmonoramento da

monarchia. A administração do antigo regimen sugára todos os elementos de governo, e absorvera todas as forças vivas da nação. O poder central era como uma tutela, que devia attender a tudo, e resolver todos os actos publicos. Logo que este poder central se desprende da coroa, para cahir nos braços de uma assembléa irresponsavel e soberana, os dias da coroa estavam contados, porque nenhuma outra influencia a podia proteger.

A revolução franceza, vista a esta luz, seria uma fonte copiosissima de licções para as monarchias da actualidade, se licções servissem aos governos, que vivem de expedientes e de argucias, ainda mesmo quando a historia lhes aponta os perigos, e lhes mostra os funestos resultados. Vejamos ainda um facto que merece ser dilucidado. Havia um contraste singular entre a suavidade das

theorias, e a violencia dos actos. É mais do que provavel, que semelhante acontecimento se reproduza quando o poder cahir nas mãos do quarto estado. Já a Communa, em Paris, exemplificou lugubrememente este asserto. E a causa será a mesma, e por isso terá consequencias analogas. A revolução foi preparada pelas classes mais intelligentes e mais civilisadas, e realizada pelas mais rudes e menos instruidas. Quando, na marcha dos acontecimentos, os homens de maior aptidão se acharam isolados e sem apoio, as massas tomaram a direcção do movimento, e deram-lhe a feição dos seus odios e da sua indignação accumulados.

Se as licções não aproveitam no presente, tambem os vaticinios e previsões não foram attendidos no passado. Quando se reuniram os Tres Estados ninguem receava do futuro, e comtudo, n'aquellas condições, a convoca-

ção dos tres braços do estado apressou a revolução. A 29 de junho de 1789 dizia Necker em Marly, ao rei, em pleno conselho: «Não ha nada tão ridiculo, como ter-se medo da convocação dos Tres Estados. Não podem resolver nada sem o consentimento do rei.» Pois n'esse mesmo anno de 1789, no dia 2 de outubro, dirigia a Assembléa Geral estas palavras á França: «Operou-se entre nós uma grande revolução cujo projecto, ainda ha poucos mezes, pareceria chimerico e irrealisavel.»

Não cabe na indole do nosso trabalho, contar o que foi este grandioso acontecimento. Basta para o nosso intento citar aqui Lamartine. «A revolução franceza, diz o illustre poeta, foi no fundo um espiritualismo sublime e apaixonado. Tinha um ideal divino e universal. Foi por isso que o entusiasmo por ella produzido, transpoz as fron-

teiras da França. Aquelles que a limitam, mutilam-a. Foi a exaltação de tres soberanias moraes:

→ «A soberania do direito sobre a força; a soberania da intelligencia sobre os preconceitos; a soberania dos povos sobre os governos.

→ «Revolução nos direitos: a egualdade.

→ «Revolução nas idéas: o raciocinio substituido á auctoridade.

→ «Revolução nos factos: o reinado do povo.

«Um evangelho de direitos sociaes. Um evangelho de deveres. Uma carta da humanidade».

Commetteu erros — mas onde os não ha em obras humanas?

O que é indubitavel é, que foram assombrosas as suas consequencias para a emancipação dos povos, e que todos nós lhe de-

vemos um reconhecimento indelevel, pelas liberdades de que gosamos, e pelo enorme impulso que deu á civilisação, e á dignidade do homem.

→ Não era possível um tão grande abalo, sem lagrimas e sem convulsões. As idéas germinam e fecundam com sangue humano. Todas as religiões se teem divinizado pelo martyrio, e todas as vezes que a humanidade, no seu trabalho de gestação, tem de crear um novo principio, fal-o com uma violencia tal, que a vereda da civilisação fica juncada de cadaveres.

→ A evolução tinha realizado o seu fim. E emquanto a revolução franceza, depois de ter por uma fórma esplendorosa, affirmado um novo codigo politico e social, ia, por imprudencias fataes e repetidas, precipitar-se nos braços de um soldado, as leis sociologicas transformavam um conquistador n'um

elemento de propaganda, e os thronos da
Europa aluiam em presença das legiões da
França.



É doloroso, depois de considerarmos a Europa á luz da civilisação, termos de retroceder, para de relance encarar o estado de Portugal nos fins do seculo xvii, e no seculo xviii. E tão grande é a tristeza que sentimos em apreciar a profunda decadencia, o esphacelo, que vae atacando o organismo da patria, que preferimos, que escriptores auctorisados o digam e affirmem em nosso logar. «Foi uma vida depravada, diz o editor da *Anti-Catastrophe*, pelas intrigas e con-

lucros do clero e da nobreza, uma energia apparente, que desapareceu com os primeiros golpes da tyrannia». E accrescenta mais adiante: «Tinha o povo collocado a coroa na cabeça de D. João IV, e mal lhe parecia desistir da influencia que por tal feito havia ganhado. Por todo esse reinado se mostrou altaneiro, porém contido e sopeado pela politica forte do monarcha; mas no seguinte solto e desembargado no meio d'uma politica frouxa, e arrastado por *esses dois elementos nobreza e clero* veio a ser grande parte das desventuras de D. Affonso VI, cujo reinado fórma uma epocha notavel por intrigas, immoralidades, e desordens de toda a casta». Não é menos explicito Fr. Alexandre da Paixão, ou quem se occultou detraz d'este pseudonimo, no seu livro: *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. E qualquer que seja o credito que devamos dar a Fernando Cor-

reia de Lacerda, na sua obra: *Catastrophe de Portugal*, é certo, que a soltura dos costumes era tal, que não causa pasmo o que elle escreve: «Presa a rainha na sua reclusão, se soltou el-rei a maiores liberdades, havia-se tratado tirar de sua companhia os homens que o faziam de feroz animo, e levantou duas de outros que o fizeram de animo mais feroz: era uma de pé, e outra de cavallo, com o nome de patrulha alta e baixa, para as quaes escolheu de todo o reino os homens, que por facinorosos, estavam acreditados por valentes, e como os delictos eram as inculcas, os mais delinquentes eram os mais valorosos... Com estas companhias saía el-rei de noite, reconhecendo, e maltratando aos que encontrava: tão grande era o desejo de ferir e de matar, que os que o seguiam, levavam sem bainhas as espadas para as embainharem nos humanos peitos: porque os relampagos

não prevenissem os raios, as tingiam, fazendo com a dissimulação de pretas, mais promptas as feridas de brancas...» O proprio auctor da *Anti-Catastrophe* não nega estes factos. «Tal foi n'este ensino o rei, diz o escriptor anonymo, que tudo quanto absolutamente appetecia, executava, e á proporção que ia crescendo, mudava de vicios e exercicios, attraíndo a si criminosos, quantidade de mulatos, que, com a protecção do rei, maltratavam e escandalizavam o povo; entregando-se inteiramente aos toiros, que em todos os dias eram o seu divertimento, ainda que com grande risco de vida, pois que as más ilhargas o encaminhavam aos maiores precipicios; vagueando de noite pela cidade era a causa de succederem muitas desordens escandalosas, pelas quaes ganhou a opinião de temerario e inquieto. O infante D. Pedro começou a seguir os passos

do rei, juntando a si valentes e mulatos, de tal sorte que já os dois irmãos andavam em competencia qual d'elles tinha mais facinorosos; e d'esta sorte, juntando-se de noite com o irmão, os de um e do outro faziam algumas insolencias. . . . » Estes actos de selvagens a que o citado escriptor chama modestamente insolencias, levam-o a accrescentar: « Houve feridas e mortes executadas pelos creados de ambos, porém, como não mandavam fazel-as, sua culpa era consentil-as, e a elles no seu serviço; e como um e outro estimavam *as acções de valor*, as dissimulavam, o que dava ousadia para o fazerem. Porém, não lhes sahia tão barato aos taes o triumpho das pendencias em que entravam, que alguns não ficassem mortos, outros mal feridos, e muitos matavam tambem de noite com bacamartes, de sorte que verificavam o axioma — aonde se dão ahi se

apanham.» Estas narrações textuaes, escriptas por um homem, que viveu na corte, e contemporaneo de todos estes factos, afiguram-se-nos muito mais persuasivas e convincentes de que todas as nossas divagações sobre o assumpto. Exemplifiquemos com o mesmo auctor as suas asserções, e vejamos em toda a sua desnudez as *acções de valor* a que allude: «Calaram (os cortezãos de D. Pedro) a insolencia com que o infante e os seus procediam, o que se prova que vindo o infante, poucos dias antes do caso referido, de uma casa de campo distante de Lisboa uma legua, acompanhava ao estribo do coche, um mulato seu, e chegando junto ao palacio, onde estava muita gente e entre esta um alferes; apeando-se o mulato, se chegou a elle, e lhe deu um grande bofetão na presença do infante e de toda aquella gente.» Vejamos mais: «O infante havia-se creado

com o visconde de Asseca, e eram grandes amigos, mas isto não lhe valeu em uma noite, na qual indo o visconde com Simão de Sousa de Vasconcellos, irmão do conde de Castello Melhor, e querendo o infante matar o dito Simão de Vasconcellos, e atirando-lhe, tambem o visconde levou umas cutiladas de que ficou aleijado do braço esquerdo.» Ainda mais: «Tinha o infante um creado chamado Gaspar Varella, filho de um tecelão da cidade de Elvas, este sendo soldado de cavallo, foi creado do tenente-general D. João da Silva; porque tinha opinião de valente o recebeu o infante por seu, fello moço da camara, e lhe fez dar o habito de Christo. Teve este suas differenças com um filho de um capitão de mar e guerra, que passando pela porta do palacio, onde vivia o infante, encontrando-se com o dito Varella, pucharam pelas espadas; logo acudiu o in-

fante com espada, e adarga, com outros creados armados contra o pobre moço, e dando-lhe muitas feridas o acabariam de matar, se não mediasse Christovão de Almada, camarista de sua alteza, que estava de semana, o qual pondo-se de deante, com sua modestia e juizo, soube aplacar o infante para que não fosse adeante a boa obra que queria fazer». E apesar de ter a peito a defesa de Affonso VI, não deixa o referido escriptor de confessar o seguinte: «Não procediam suas acções de má inclinação, mas de más companhias, porque em breves tempos deu provas evidentes da vida em que andava: faziam-o rondar pela cidade de noite, reconhecendo a todos os que encontrava, com mau tratamento, que escandalizava. . . porém, o que mais lhe fez desluzir a magestade, foi o tomar uma mulher de má conducta por dama, e pôr-lhe casa por sua

conta . . . Conhecera em el-rei inclinação á dama, e facilitaram-lhe o peccado, louvando-lhe o sujeito; e para merecerem mais com elle, diziam-lhe, que não faltava quem a solicitava, e passeava, criminando a pouca attenção que n'isto se tinha com sua magestade. El-rei, como moço enamorado, o sentia extremosamente, e procurando saber de certo quem se atrevia a levantar os olhos para a dama, a quem elle assistia, lhe diziam, que F. passou pela rua a taes horas, e olhou para as janellas, e outras circumstancias, que faziam o crime aggravante, não sendo elle venal: contavam os delinquentes, horrorisavam o aggravado, e incitavam el-rei á vingança, fazendo merecimentos de todas estas chimeras; e debaixo d'estes enganos afiançavam os seus augmentos, dando-lhe estas informações tão custosas ao seu gosto. Dizia el-rei a um dos creados que lhe pare-

cia: — Busca F., e dá-lhe duas estocadas. — Se succedia encarregar esta acção a algum assassino, dos muitos, que lhe assistiam, não sómente o acutilavam, mas o matavam, julgando que assim faziam melhor serviço a el-rei, e se assignalavam mais no valor.»

Falando de Affonso VI, Correia de Lacerda assevera, que não só frequentava de noite as casas das meretrizes, mas que também as mandava levar a uma quinta junto de Alcantara — «aonde eram conduzidas por um homem, que com a sua infamia fazia a sua fortuna.» «No mesmo tempo, narra o auctor da *Catastrophe*, se deu ao galanteio das religiosas, frequentando diversos mosteiros, e sem reparar no decoro que se devia aos logares sagrados, fazia abrir as portas das egrejas, sendo alta noite, e succedeu muitas vezes, que quando em outros conventos se

levantavam os religiosos para louvarem a Deus, o estava el-rei offendendo na grade das suas egrejas: no mesmo tempo em que se haviam de cantar os louvores divinos, se estavam representando as comedias profanas, sendo os choros tablados, vestuarios as sacristias, e a casa da oração do Senhor, casa de abominação dos peccados... » Esta devassidão de costumes não é um traço especial d'aquella epocha, repetiu-se com maior escandalo, e maior cynismo em periodos posteriores.

Occupa-se largamente o sr. Oliveira Martins, do reinado de D. João V, na sua *Historia de Portugal*, e escreve: «É verdade que o rei perdia a cabeça por todas as mulheres; mas a sua verdadeira paixão estava em Odivellas, o ninho da madre Paula. O rei mandara fazer uma boceta preciosa para guardar os seus amores... Da sala verde,

onde havia um relógio de minuetes e um balcão de mármore envidraçado, abria-se uma tribuna carmezim e ouro sobre a igreja do convento, com os retabulos de Nossa Senhora da Graça, de S. Bernardo e de S. Bento, tres protectores de tres beatos: o rei e as duas irmãs. A embriaguez devota não excedia, porém, o desvario lubrico da sala côr de fogo, onde a molle odalisca, brevemente vestida de rendas, era servida pelas suas creadas mulatas, de arrecadas de ouro nas orelhas. O rei entrava e sahia sem se esconder, sem recear que o vissem. Todo o convento o conhecia, e lhe beijava reverentemente a mão. Perto do palacio, porém, reбуçava-se por decoro; era ao Arco-dos-Pregos; e o Cucolim, ao contar as partidas para Odivellas, dizia — alli perde a vergonha!» Não admira, pois, o que mais tarde, no reinado de D. José, escrevia Dumouriez,

que na epocha da revolução franceza, a 15 de março de 1792, foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros. «O clero de Portugal, diz este viajante, é poderosissimo, e n'uma proporção muito exaggerada com relação ao paiz.» Avalia, em seguida, o numero extraordinario de padres, frades e freiras, e continua dizendo: «Le clergé est en Portugal fort ignorant et fort dissolu; l'impunité, la licence et le pouvoir, attachés à cet état, en occasionnent la profanation la plus publique. Le scandale, qui lui enlève la vénération du peuple, est encore plus nuisible à la religion que les perpétuelles railleries des Anglais, l'introduction des livres philosophiques et les querelles avec la cour de Rome. Les moines vivent dans le libertinage le plus effréné, et les religieuses ont été jusqu'à présent des courtisanes cloîtrées. Tous les couvents du Portugal pren-

nent modèle sur celui d'Odivelas, où trois cent religieuses belles et coquettes formoient un serrail à Jean V, ... et lesquelles avoient chacune un ou plusieurs amants qui les entretenoient: ces religieuses parées, ne portant jamais leurs habits de religion, couvertes de rouge, de mouches et de diamants, excitoient la galanterie la plus recherchée, et passoient pour les maîtresses les plus attrayantes de la noblesse portugaise... le clergé mâle et femelle du Portugal peut encore passer pour le plus libertin et le plus corrompu de la chrétienté».

A decomposição, que lavrava na sociedade portugueza, revelava-se em tudo. «O que eu posso dizer com certeza, diz o auctor da *Anti-Castastrophe*, é que o infante nunca foi affeioado aos cavalheiros, tanto nos primeiros annos, como depois de mais entrado n'elles; por que quando menino o

dizia, e depois de já maior, posto que o não dizia, o obrava; verificando-se a este respeito em o principe mais facil a pratica, do que o especulativo. Ordinariamente andava pela casa tocando uma trombeta com muita força, e não faltavam cavalheiros que lhe murmuravam este descomedido divertimento: e dizendo-lhe Antonio do Prado, seu cirurgião, que visse o que fazia, por que aquella violencia e forças poderiam fazer-lhe um grande damno, lhe respondeu: «Isso vos disseram os fidalgos, dissei-lhe que eu digo que são uns asnos, e que d'aqui em deante lhe hei de tocar por um corno.» Era tão inimigo das lettras, e licção d'ellas, que supposto seus parciaes o inculcavam de muito applicado a ellas, depois de tomado o governo se lhe ensinou a fazer a sua firma, e nem a esta minucia, bem que indispensavel, se queria sujeitar. Andava, comtudo, um

d'estes parasitas lisongeiros do palacio mostrando a muitos a firma de sua alteza com grande admiração, quando devia occultal-a para que se não soubesse do defeito vergonhoso que por ella se descobria.»

Parece que estamos assistindo á mediana educação de D. João VI, e á mais descuidada ainda de seus filhos. «Sabia-se muito bem», diz o auctor a que nos referimos, «que o infante se não tinha dado a licções de historias antigas, nem modernas, e muito menos a estudo de fortificação, por que todo o seu estudo era experimentar forças, e atirar á barra, e isto todos os dias, chamando a si todos os mulatos de el-rei, que tinham opinião de valentes, e com elles e outros mais se entretinha; além d'isto com mais de vinte cães de fila muito ferozes; e mandava os mulatos commetter os cães com espadas, e egualmente lançar os cães aos mulatos.

Chegou a tal excesso, n'este exercicio, que já não attendia a cavalheiro algum, causa de poucos o procurarem em tal tempo; e louvando um dia a um dos mulatos de muito valor, disse a Francisco Galvão, seu creado e capitão de cavallos: Tomáras tu ser tão valente como este mulato. Ao que respondeu: Todos quantos mulatos vossa alteza tem com toda a sua valentia matarei eu a pau, pois que bastam ser mulatos, para que qualquer homem de bem só com olhar para elles os faça fugir. Logo sua alteza sem cerimonia lhe tornou: que não sabia o que dizia, por que os seus mulatos eram os homens mais valentes que tinha Portugal. Francisco Galvão respondeu: que aquella valentia sempre era de mulatos; que lhe fizesse sua alteza mercê de lh'os mandar fechar a todos no picadeiro, para vêr como elle os matava a todos a pau, sendo sua

alteza testemunha da verdade que dizia. O infante desgostoso disse a Francisco Galvão: que se fosse da sua presença e lhe não tornasse a apparecer. Pelo que se retirou a Campo Maior, aonde tinha sua companhia, até que o infante entrou a deixar-se de tudo isto pelas direcções que lhe dava D. Rodrigo, e era que pozesse todo o cuidado sua alteza em tirar o reino a seu irmão.»

Esta educação, e tão perversos costumes são os symptomas do estado geral da côrte e do paiz. «Logo no começo da sua regencia, como observa o visconde de Santarem, n'uma nota do *Quadro Elementar*, perdeu Portugal o marquez de Sande — «morto, diz o visconde, por uma deploravel catastrophe.» O infante regente escrevia a Luiz XIV, em data de 10 de dezembro de 1667, contando-lhe este facto pelo modo seguinte: «Que no dia 7 do corrente sahindo da ca-

pella real o marquez de Sande, e indo em uma liteira de D. Francisco de Lima com o mesmo D. Francisco, chegaram a ella dois fidalgos acompanhados de outras pessoas com o intento de maltratarem o dito D. Francisco, e parecendo-lhes que davam n'elle, metteram uma estocada no dito marquez de que logo cahiu, e viveu instantes — de que tive (diz o principe) o sentimento que pede o amor que tinha ao dito marquez, seus merecimentos e grandes serviços». E conclue «— que para se não julgar, que a morte do dito marquez tivera outra causa, lhe parecerá dever dizer-lh'o assim.»

Que outra causa poderia ter este homicidio, e que interesse tinha o infante regente em acudir logo a participal-o a Luiz XIV, e a dar-lhe a versão que mais lhe conveiu? O que é certo, é ser este facto narrado de modo muito diverso por Frei Alexandre da Pai-

xão, ou quem quer que foi que se occultou com este nome, e que acompanhou os acontecimentos do seu tempo com a penetração que se admira no seu trabalho. O marquez de Sande era Francisco de Mello Torres, conde da Ponte, «que andando sempre empregado em lisongear sua fortuna, lhe não desmereceu sua graça», como diz o auctor da *Anti-Catastrophe*. Fôra embaixador a Inglaterra para tratar o casamento da infanta D. Catharina com o monarcha da Gran-Bretanha, e como este rei, diz o mesmo escriptor, não teve por objecto n'este casamento que se lhe propoz, se não a grande somma de dinheiro e joias que se prometteram com duas praças, uma em Africa e outra na India Oriental, foi facil a sua conclusão. Foi tambem o marquez que, na qualidade de embaixador na côrte de França, ajustou o casamento de D. Affonso VI com

a princeza, D. Maria Francisca de Saboya.

Por este consorcio ficou Portugal enfeudado á politica de Luiz XIV, e a essa influencia deveu, em parte, Affonso VI a sua ruina.

Dizemos deveu em parte, por que a ambição do infante, e o amor da rainha foram elementos poderosissimos para a desgraça do monarcha. As revelações feitas pelo auctor da *Anti-Catastrophe*, e varios trechos de Frei Alexandre da Paixão, que nos esquivamos a repetir aqui — taes elles são — não deixam a menor duvida ácerca das intimidades de D. Pedro e de D. Maria Francisca de Saboya. Quem trata seu primeiro marido por: *cette figure de roy sans substance ny esprit*, n'uma carta dirigida ao cardeal d'Estrées, e não lhe treme a mão, nem a affronta o pudor ao redigir semelhante

phrase, está de ha muito julgada pela posteridade.

É fóra de duvida, que a embaixada de França não desconhecia os planos da conjuração para prender o rei, e tirar-lhe a coroa, e auxiliou-os quanto poudes pelas vantagens que d'ahi lhe podiam advir. A rainha era pessoa dedicada a Luiz XIV, e que buscou todos os meios para tornar Portugal uma colonia da França. A 24 de setembro de 1673 escrevia esta princeza a Luiz XIV: «Les bontés continuelles dont votre majesté me comble tous les jours me persuadent que je manquerois à la reconnoissance que je luy en dois *sy il se passoit rien d'important dans ce royaulme* ny dans ce qui me regarde en particulier, sans en rendre compte à *votre majesté* non seulement comme à un grand roy dont la bienveillance est sy importante à cette couronne, qui n'a d'autres ennemis

que les siens et qu'il a toujours assistée et soutenue avec tant de générosité, *mais comme à un amy à qui je dois l'établissement de ma fortune et qui en a toujours esté l'unique appui. . .* Je laisse au sr. d'Aubeville à luy expliquer *mes intentions et mes pensées là-dessus*; car comme il est à présumer que les lettres n'arrivant pas très-seurement, passant par la Castille, je craindrois *que d'autres yeux que ceux de vostre majesté ne feussent tesmoins de la confiance avec laquelle je luy explique mes sentiments*, et qu'ils en profitassent à nostre désavantage. . . » A mesma senhora escrevia ao rei de França em 28 de agosto de 1674, e, depois de todas as phrases que a humildade aconselha, e a dependencia ordena, falava-lhe por esta fórma do monarcha, que, para infelicidade d'elle, fôra seu primeiro marido: «Nous y travaillons tous les jours de seconder avec gloire les

heureux progrès de ses armes et de nous prévenir au dedans et au dehors des nouveaux attentats de nos ennemis: aussi n'a-t-il pas esté un des moindres motifs qui ont obligé le prince, mon seigneur, à faire revenir de l'isle Terseire le roy D. Alfonse, qui y pouvoit estre encore plus exposé, après une rupture, qu'il ne l'avoit esté jusqu'à présent. On luy prépare un chasteau à trois lieues d'yssi, fort par sa situation et par la garnison que l'on y met, qui ne sera pas aisée à corrompre, estant éclairée des yeux du prince et choisie d'entre ses plus fidèles sujets, et assurément il y sera hors de tout risque; et je ne douterai point de l'heureux succès de cette résolution, sy elle est *approuvée de vostre majesté, à laquelle je suis avec la dernière vérité.* — Monsieur mon frère —
 Vostre très affectionnée sœur — Marie.»

Poderiamos citar mais cartas, d'onde se

deprehende até que extremos ia esta extranha humilhação, e inalteravel dependencia, basta-nos, porém, a ultima, em que se conhece a tempera de um espirito, que com tanta frieza fala do infeliz monarcha que fôra seu esposo.

O divorcio da rainha, e o seu novo casamento representam o maior escandalo, e o maior crime d'aquella epocha.

Conseguiu a rainha, logo que chegou a Portugal, assistir ao Conselho de Estado. Mas nem ella, nem os seus partidarios se contentaram com esta vantagem, porque o fim a que esta princeza se dirigia, era ter a direcção exclusiva de todos os negocios, e n'esse ponto encontrava obstaculos por parte do conde de Castello Melhor. «D'este conflicto, diz o visconde de Santarem, nasceram continuadas, e quasi diarias desavenças entre el-rei e esta princeza.» De todos estes fa-

ctos era dada uma minuciosa informação a Luiz XIV pelo ministro da França, de Saint-Romain, e o jesuita Verjus, secretario da rainha, que viera no seu sequito para Portugal. É para notar, que apesar d'estas occorrenças, e no seu momento mais critico, quando as desavenças entre o rei e o infante tinham subido ao maior grau, foi o enviado francez visitar o infante, e participou á sua côrte, que sua alteza mostrava grande sympathia pela França, e accrescentava — que era muito regulado na sua vida, que estudava geographia e parte das mathematicas. Nós já sabemos, infelizmente, que mathematicas e geographia estudava D. Pedro com os seus cães, e os seus mulatos, e mais edificadros ficaremos em sabendo, que pouco antes da prisão de D. Affonso VI, tratava Saint-Romain de alcançar do infante, uma obrigação de cumprir o tratado de liga com a França, de 31

de março d'esse mesmo anno, e logrou alcançal-a, por meio da rainha, em uma carta que o mesmo infante dirigiu áquella princeza — no dia 22 de novembro, *na vespera da abdicação* do desgraçado monarcha. A carta começava assim: «Satisfazendo ao que vossa magestade foi servida mandar-me sobre a liga que el-rei, meu senhor, ajustou com sua magestade christianissima, póde vossa magestade segurar *debaixo da minha fé e real palavra* ao abbade de Saint-Romain, que em *todo o tempo* a guardarei e approvarei pontualmente.»

Nenhuma admiração deve causar, em presença dos factos que levamos narrados, o mais que sobre este assumpto temos a lembrar. Depois de concluido o casamento de D. Maria Francisca de Saboya com D. Pedro, a que a historia chama — segundo de Portugal, escreveu este principe a

Luiz XIV, e dando-lhe parte *do seu casamento*, concluia dizendo: «*que com elle ficava francez por obrigação, como já o era por amor.*» Estas duas cartas existem nos *Archivos dos Negocios Extrangeiros da França*, vol. v, fl. 273, e vol. vi, fl. 120 da *Correspondencia de Portugal*, e vem extractadas, no vol. iv, parte II do *Quadro Elementar*, pelo visconde de Santarem.

Pela correspondencia de Saint Romain, como se vê do officio de 9 de dezembro de 1666, parece que as desavenças entre a rainha e Affonso VI, tiveram treguas em consequencia de um importante acontecimento, e foi este a declaração que fez a rainha, de estar persuadida que se achava de esperanças. Durou bastante tempo a persuasão de que esta princeza continuava a adeantar-se no seu estado de gravidez, e esta convicção deu causa a varias reconciliações, porque

ella continuava a querer governar não só por vontade propria, mas tambem instada pelos francezes do seu sequito, e especialmente pelo confessor, pelo medico, e pelo jesuita Verjus. E tão convencida estava da sua gravidez, que o participou ella mesma a Saint Romain, como este ministro affirma no seu officio de 23 de março de 1667, e accrescenta, que tendo o conde de Castello Melhor dado os parabens áquella princeza, por tão auspicioso acontecimento, respondera a rainha: «que ella era a principal interessada n'este negocio, pois ao menos lhe poupariam dissabores *no estado em que a viam*».

Desvanecida esta esperanza, foi grande o desgosto do rei; mitigou-o, porém, a rainha, dizendo a seu marido: «*que se não fôra d'aquella vez, seria d'outra.*» Esta phrase não merece duvida, porque é narrada por Saint